

A CONSTRUÇÃO DO AMOR, DA SEXUALIDADE E DAS RELAÇÕES AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE

Angélica Paula Neumann¹

THE CONSTRUCTION OF THE LOVE, OF THE SEXUALITY AND OF THE LOVING RELATIONSHIPS IN THE CONTEMPORARY TIMES

Resumo: Este artigo tem como objetivo discorrer sobre o amor, as relações amorosas e a sexualidade nos dias atuais, buscando compreendê-los à luz dos fatores psíquicos que constituem os sujeitos e dos fatores sócio-culturais de seu contexto. Toma-se como pressuposto que para falar sobre este tema, é necessário compreender as diversas mudanças que vêm ocorrendo na sociedade desde os tempos modernos. O método utilizado se baseou em revisão bibliográfica e em exploração das publicações atuais sobre a temática. Fica evidente que os valores culturais se destacam como possuindo enorme influência nas concepções sobre o amor e a sexualidade. Apesar disso, percebe-se que a estruturação de relações amorosas saudáveis requer bases sólidas estruturadas ao longo do desenvolvimento humano, o que se configura como a forma mais eficaz de possibilitar às pessoas saberem lidar com as demandas que a cultura impõe.

Palavras-chave: Amor. Sexualidade. Relações Amorosas. Contemporaneidade.

Abstract: This article aims to discuss love, love relationships and sexuality in the current days, trying to comprehend them in light of the psychic factors that constitute the human beings and the socio-cultural factors of their context. It is taken as assumption that to talk about this subject, it is necessary to understand the various changes that have occurred in society since the modern times. The method used was based on literature review and exploration of current publications of the subject. It is evident that cultural values stand out as having enormous influence on ideas about love and sexuality. Nevertheless, it is observed that the structure of healthy loving relationships require solid bases, structured throughout human development, what should be seen as the most effective way of enabling people to be able to cope with the demands that the culture imposes.

Keywords: Love. Sexuality. Loving Relationships. Contemporary Times.

Introdução

Falar sobre amor e sexualidade nos dias de hoje implica em compreender as diversas mudanças que vêm ocorrendo na sociedade. Atualmente vivemos na era da globalização, em que tudo é relacional e integrado, as informações circulam em grande velocidade e as vidas são experienciadas sob um ritmo intenso e por vezes desenfreado. Valores como individualismo,

¹ Acadêmica do quarto ano do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim. e-mail: angelicaneumann@gmail.com

competitividade e satisfação imediata tornaram-se cada vez mais comuns, e os relacionamentos, tão idealizados nos tempos modernos, também não escaparam ilesos a esses novos paradigmas.

Com a velocidade na qual a informação circula, uma pluralidade de concepções e práticas amorosas passou a se tornar conhecida e a coexistir paralelamente. Percebe-se que não se pode olhar para o amor em busca de uma dimensão única que o explique, mas sim que é necessário considerar uma diversidade de fatores na tentativa de compreender esse complexo sentimento, regulado à luz das características individuais de cada pessoa, desde o seu desenvolvimento até os fatores socioculturais de seu contexto.

Na tentativa de compreender como se dá a construção do amor e da sexualidade nos dias atuais, inicialmente buscou-se na literatura um embasamento teórico psicanalítico para explicar os mecanismos inconscientes implicados na edificação dos relacionamentos humanos. Após, realizou-se uma investigação acerca dos fatores contemporâneos que influenciam as relações amorosas, para o que os trabalhos com ênfase na sociologia foram de grande contribuição.

Para compreender as concepções sobre o amor, as relações amorosas e a sexualidade na contemporaneidade, o método utilizado se baseou em revisão bibliográfica e em exploração das publicações atuais sobre o tema na biblioteca eletrônica *Scielo* e no Portal Brasileiro de Informação Científica CAPES.

As bases do amor

Falar sobre amor, de acordo com Kernberg (1995), implica necessariamente em falar sobre sexualidade. De acordo com esse autor, as interações psicossociais que se estabelecem entre o bebê e seu cuidador na primeira infância é um fator essencial na determinação do comportamento sexual e, conseqüentemente, das relações amorosas.

Segundo a teoria freudiana, precursora da compreensão psicanalítica do desenvolvimento humano, o amor está essencialmente vinculado às pulsões libidinais inatas do ser humano. Este sentimento se origina na busca por um objeto perdido – a mãe – que através do seio, é a primeira fonte de satisfação sexual do bebê, quando esta satisfação ainda está vinculada à nutrição. Assim, a imagem da figura materna torna-se o protótipo das relações amorosas posteriores do indivíduo,

pois fica gravada na memória do lactente como sendo o objeto capaz de restabelecer a situação de satisfação original (MENEZES; BARROS, 2008).

Segundo Kernberg (1995), essa satisfação originada nas experiências prazerosas primitivas se associa à excitação sexual, e em etapas posteriores do desenvolvimento se vincula ao chamado desejo erótico, quando é deslocada para um foco específico – o objeto edípico.

Através da interdição, ou seja, da proibição à criança de possuir seu objeto de prazer, processo que se dá ao término do Complexo de Édipo, esse desejo é reprimido e deslocado para objetos substitutos, porém incapacitados de oferecer a satisfação completa almejada. A interdição, desse modo, funciona como um dispositivo que possibilita às pessoas continuarem desejando e buscando outros objetos de prazer para além do objeto perdido (FREUD, [1905] 1996 *apud* MENEZES; BARROS, 2008). É esse processo que permite à excitação sexual culminar no amor sexual maduro, que é a expansão do desejo erótico para uma relação com uma pessoa específica, diferente do objeto primitivo (KERNBERG, 1995).

Na perspectiva de Klein (1975), as relações amorosas são uma reedição da vida familiar primitiva de cada cônjuge. De acordo com a autora, o relacionamento amoroso maduro se dá num jogo contínuo de identificações e projeções inconscientes que se correspondem e complementam, no qual cada parceiro projeta no outro seus desejos e fantasias primitivas a respeito do genitor do sexo oposto.

Sob o ponto de vista da autora supracitada, uma relação amorosa feliz implica em uma profunda afinidade entre os parceiros, assim como na capacidade mútua de sacrifício e compartilhamento do prazer e sofrimento. Segundo Kernberg (1995), no relacionamento amoroso maduro os aspectos inconscientes das relações do passado se combinam com as expectativas conscientes de uma vida futura como casal, formando um ideal de ego conjunto.

Fatores que influenciam as relações amorosas nos dias de hoje

A união que associa amor, sexualidade e casamento é uma invenção da era burguesa. O amor-sexual, amor-paixão, como fundamento do casamento, surgiu na modernidade [...] Nesse cenário, o amor vai percorrer uma longa trajetória até chegar à condição de força “irresistível”, sempre pronta a desembocar no casamento [...] Em torno do novo ideal de conjugalidade instaurado, criaram-se muitas expectativas e idealizações, entre elas a idéia de casamento como lugar de felicidade onde o amor e a sexualidade são fundamentais (ARAÚJO, 2002, p. 70).

Apesar das fortes influências individuais na escolha e no desenrolar das relações amorosas, existem inúmeros outros fatores que, historicamente, interferem nessas relações, tal como Klein já apontava em 1975. Como demonstra o trecho acima, esses fatores se modificam de acordo com os paradigmas predominantes em cada época histórica, mas apesar das mudanças, continuam gerando reflexos nos dias atuais. O amor é uma experiência singular, porém atravessada pelos ideais culturais a seu respeito (PINHEIRO; ANDRADE, 2004).

Da mesma forma que o amor, as ideias sobre sexualidade também sofrem as influências do contexto cultural. Segundo Gozzo, Fustinoni, Barbieir, Roher e Freitas (2000), até a algum tempo, o sexo era visto pela sociedade como unicamente relacionado à reprodução, e o prazer era reprimido por ser considerado pecaminoso e moralmente condenável. Hoje, além de fazer parte do cotidiano das pessoas, o sexo não está mais limitado à reprodução, mas sim relacionado a fatores afetivos e biopsicossociais.

Foucault (1988, apud ARAÚJO, 2002) aponta que a experiência sexual, assim como todas as experiências humanas, é produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos. Segundo esse autor, ao longo da história a atividade sexual foi submetida a dispositivos de controle com base nos valores e ideologias predominantes na sociedade.

Na modernidade, as ideias sobre sexualidade estavam vinculadas à noção de amor romântico, ideal que ressoa até os dias de hoje nas concepções amorosas. Segundo esse entendimento, a ideia de amor está baseada na fantasia de completude, na qual o vínculo amoroso é o componente crucial para a felicidade (MENEZES; BARROS, 2008). Essa perspectiva vai ao encontro dos ideais psicanalíticos nos quais, como vimos anteriormente, o amor é o desejo nostálgico de reviver o sentimento de completude vivenciado na infância.

Em uma revisão bibliográfica, Menezes e Barros (2008), encontraram que a presença de resquícios dos ideais românticos nas relações é uma das causas dos desencontros afetivos do nosso século. Da mesma forma, para Giami (2008) estes ideais influenciam até hoje os jovens, pois apesar de eles se voltarem para outros interesses e exigências contemporâneas, ainda associam o amor, a atividade sexual, a vida em casal e o projeto familiar.

Dadas às mudanças culturais ocorridas da modernidade até então, percebe-se que a cultura contemporânea tem propagado valores tanto diferentes quanto relacionados àqueles ideais

românticos. Ao mesmo tempo em que dissemina o ideal de completude, tal como na modernidade, os valores difundidos não sustentam as relações intersubjetivas porque alimentam um modo de subjetivação que não transpõe o modelo narcísico, este associado a ideais de individualismo, consumismo e culto à imagem (RIOS, 2008). Essa posição subjetiva torna-se assim impeditiva do encontro amoroso maduro, pois o relacionar-se com alguém diferente do eu passa a não ser desejável.

Devido à dificuldade de enxergar o outro como um ser completo, diferenciado do próprio eu, sustenta-se um ideal de amor romântico com valores contemporâneos, no qual a busca pelo outro é a busca fantasiosa por alguém capaz de satisfazer as suas necessidades. Deparando-se com a complexidade implicada em construir um amor de verdade, que não acontece rápido nem facilmente – ideais supervalorizados nos tempos atuais – ganha força a ideia de um eu onipotente e autossuficiente, que não tolera as frustrações e procura prontamente substitutos imediatos para a satisfação de seu desejo.

Relacionado a isso, passam a coexistir na sociedade contemporânea vários tipos diferentes de relações amorosas (SILVA, 2006), entre as quais se destaca o “ficar”, comportamento bastante difundido e caracterizado como breve, imediatista, descompromissado e volátil, estando frequentemente associado à descartabilidade e ao consumismo (JUSTO, 2005).

Outros autores, por sua vez, reconhecem a diversidade de práticas e de relações amorosas existentes hoje, mas afirmam que as significações que os indivíduos dão a essas experiências também variam. Assim, se por um lado o “ficar” pode representar a efemeridade dos relacionamentos, por outro, muitas das pessoas envolvidas nesses comportamentos desejam para suas vidas relacionamentos duradouros e com envolvimento afetivo, utilizando o “ficar” como modo de obter maior conhecimento do parceiro desejado antes de um envolvimento emocional sólido (JUSTO, 2005; GIAMI, 2008).

Implicado nesse contexto, nos dias de hoje o amor e a sexualidade surgem como temas continuamente utilizados na sedução publicitária porque são, ao mesmo tempo, forças motivacionais humanas e construções culturais (PINHEIRO; ANDRADE, 2004). A mídia e o mercado de consumo, assim, passam a oferecer inúmeros recursos que prometem atender milagrosamente a essa necessidade de satisfação dos sujeitos.

Observam-se na literatura opiniões divergentes sobre esse tema. Costa (2005) apresenta o trabalho de uma autora, Illouz (1998), segundo a qual existe uma relação de complementaridade entre o amor romântico atual e o mercado de consumo. De acordo com a autora, o consumo dos rituais amorosos propagados pela indústria e pela mídia compõe o núcleo do amor romântico contemporâneo, constituindo uma forma de revigorar tanto o capitalismo quanto os amantes.

Tendo em vista estas considerações, o autor supracitado concorda com as possibilidades que o mercado pode oferecer aos amantes, mas afirma que o que define a relação amorosa não é o consumo desses rituais, mas o estabelecimento de uma comunicação pessoal e particular a cada casal. É a partir desta comunicação, denominada código do amor que os rituais e adereços românticos adquirem sentido (COSTA, 2005). Já para Bauman (2004, *apud* PINHEIRO; ANDRADE, 2004) o mercado de consumo e a mídia geram interferências negativas nas relações amorosas, visto que, se os valores atuais estão calcados em tudo que é de uso instantâneo, o mundo das imagens e da publicidade reforçam estas ideias de prazer passageiro e satisfação instantânea.

Apesar dos pontos de vista diferentes, percebe-se que todos estes autores concordam que a mídia e o mercado de consumo produzem fortes influências na subjetivação, nos ideais de amor e no estabelecimento dos relacionamentos. Calgarotto, Poganski e Goldberg (2009) concordam com essa ideia, e, em uma pesquisa realizada, constataram que um dos fatores determinantes para que os relacionamentos sejam bem sucedidos é a maturidade do casal.

Assim, perpassando o que já foi exposto até aqui, as contribuições de Giddens (1993, *apud* ARAÚJO, 2002) sintetizam as novas formas de relacionamento existentes nos dias de hoje. O autor aponta que as relações atuais têm como base princípios democráticos e de igualdade – tanto de gênero quanto de sujeitos –, e distingue três aspectos desses relacionamentos, denominados por ele amor confluyente, sexualidade plástica e relacionamento puro.

O amor confluyente presume igualdade nas trocas afetivas e no envolvimento emocional. É mais real que o amor romântico e não se pauta nas fantasias de completude, mas no ideal de satisfação emocional e sexual como direito de ambos os envolvidos na relação. A sexualidade plástica, liberta das necessidades de reprodução, refere-se à reivindicação das mulheres ao prazer sexual, e possibilita a emancipação que está implícita no relacionamento puro.

Este último, por sua vez, é centrado no compromisso, confiança e intimidade, provê chances de durar, mas não impõe o comprometimento eterno como condição da relação. O que conta é a própria relação, e a sua continuidade depende do nível de satisfação que cada uma das partes pode extrair da mesma.

Assim, podemos pensar que o que Giddens (1993, *apud* ARAÚJO, 2002) chama de relacionamento puro representa os relacionamentos denominados por Kernberg (1995) de maduros, pois simbolizam a coexistência do desejo inconsciente de reviver a sensação de completude, implícita nos sentimentos de confiança, intimidade e compromisso, e de combiná-los com as expectativas conscientes de uma vida futura como casal.

Considerações finais

De acordo com o que foi visto, percebe-se que no contexto da contemporaneidade, os valores culturais se destacam como um fator de enorme influência nas concepções sobre o amor e a sexualidade. Uma série de mecanismos, tal como a mídia e a publicidade, é utilizada para produzir um modo de subjetivação associado ao imediatismo e ao consumismo, apontando para determinados objetos e modelos como supostamente capazes de oferecer a satisfação e a sensação de completude que as pessoas tanto buscam.

Nesse sentido, o prazer deixa de ser apenas o alvo inconsciente dos desejos humanos e passa a ser o objetivo também consciente das experiências da vida. Descarta-se o sofrimento e a frustração como necessários ao amadurecimento humano, porque estes quebram a ilusão da completude, e passa-se a viver num estado fantasioso e irreal de prazer constante.

Essa promessa de satisfação imediata, por sua vez, resulta em uma profunda ambivalência entre as necessidades de manter os investimentos libidinais no outro e de se proteger voltando-se para si mesmo, o que acaba produzindo nos sujeitos sentimentos intensos de frustração, pois alcançar a satisfação e o prazer postulados se torna um objetivo de alcance impossível.

Nesse contexto, percebe-se que a estruturação de relações amorosas saudáveis, desse amor chamado maduro, adulto ou confluyente, precisa adquirir bases sólidas ao longo do desenvolvimento humano. Essa é a forma mais eficaz de possibilitar às pessoas saberem lidar

com as demandas que a cultura impõe – e isso ocorre tanto em nosso contexto cultural atual como sempre se deu em outros contextos nos quais as demandas da sociedade eram diferentes.

Assim, finaliza-se este artigo se utilizando da consideração de Rios (2008), que afirma que “amar dá trabalho”. Concorda-se com este autor, pois se considera que as relações de amor requerem o amadurecimento egóico de ambos os parceiros do par romântico, envolvendo também uma construção conjunta que demanda tempo, paciência e, essencialmente, disponibilidade afetiva.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, M. de F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v. 22, n. 2, jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2009.

CALGAROTTO, R.; POGANSKI, V. L. e GOLDBERG, K. Cultura narcísica: os impactos na subjetividade conjugal. In: II FÓRUM NACIONAL EM SAÚDE E I SALÃO CIENTÍFICO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE: Caminhos da Interdisciplinaridade, 2009, Erechim – RS. **Anais eletrônicos**. 1 CD-ROM.

COSTA, S. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. **Novos Estudos – CEBRAP**. São Paulo, n. 73, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n73/a08n73.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2009.

GIAMI, A. A experiência da sexualidade em jovens adultos na França: entre a errância e a vida conjugal. **Paidéia (Ribeirão preto)**. Ribeirão Preto, v. 18, n. 40, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000200007>. Acesso em: 18 maio 2009.

GOZZO, T. de O.; FUSTINONI, S. M.; BARBIERI, M.; ROHER, W. de M.; FREITAS, I. A. de. Sexualidade feminina: compreendendo seu significado. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, jul. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n3/12403.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2009.

JUSTO, J. S. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso na contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia UFF**. Niterói, v.17, n.1, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a05.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2009.

KERNBERG, O. F. **Psicopatologia das relações amorosas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIN, M. **Amor, ódio e reparação**: as emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

MENEZES, J. E. X. de; BARROS, M. J. S. Ressonâncias do romantismo no discurso freudiano sobre o amor. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, n. 31, out. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/ep/n31/n31a10.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2009.

PINHEIRO, M. C. T. e ANDRADE, R. G. Leitura psicanalítica da publicidade amorosa. **Revista Mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v. 4, n. 2, set. 2004. Disponível em: <<http://www.unifor.br/notitia/file/182.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2009.

RIOS, I. C. O amor nos tempos de Narciso. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v. 12, n. 25, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n25/a16v1225.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2009.

SILVA, A. A. O conteúdo da vida amorosa de estudantes universitários. **Interação em Psicologia**. Curitiba, v. 10, n. 2, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/viewFile/7685/5480> v>. Acesso em: 18 maio 2009.